

Escrever no Paradigma Consciencial

Luciana Ribeiro

Frequentemente, na CCCI (Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional), surgem questionamentos sobre a natureza e a organização da escrita científica. E nesse sentido, dúvidas acerca de como escrever no paradigma consciencial são comuns. Este artigo tem como objetivo abrir espaço para esta discussão. Sem a pretensão de esgotar o assunto, iniciamos o debate tratando, por ora, do tema da escolha paradigmática.

Na prática, o desafio de escrever “conscienciológicamente” vai além da forma de escrever. Trata-se antes de um modo de *ser*. A escrita, sendo uma das expressões da consciência, apenas registra sua maneira de interpretar a realidade e se relacionar com ela. Isto é, toda escrita, qualquer que seja ela, é *consciencial*. Assim, aprender a escrever tecnicamente no paradigma consciencial, ou “conscienciológicamente”, implica antes identificar *seu* momento evolutivo atual. Este esforço requer um mapeamento da predominância paradigmática em sua trajetória multiexistencial.

Uma vez que o recurso da retrocognição exige uma série de habilidades e maturidades em geral desenvolvidas paulatinamente, para acelerar a concretização do mapeamento pode-se recorrer a evidências de ordem *indireta*. Deste modo, com o intuito de auxiliar o autorando a identificar a relação entre sua tendência ao escrever e os paradigmas existentes, este texto compara características de diversos paradigmas. Previamente, porém, se faz necessário definir paradigma, sua função e influência sobre nós, além de seu processo formador.

I – O QUE É UM PARADIGMA?

Paradigma é basicamente um *modelo de interpretação da realidade*. Isso significa: *orientar* o que pensamos, sentimos, valorizamos e nossa forma de agir. É a lente com a qual olhamos o mundo. Tecnicamente, o termo foi aplicado nesse sentido pelo físico e filósofo da Ciência Thomas Kuhn, na década de 60, do Século XX, quando realizava uma pesquisa sobre o funcionamento da Ciência: tencionava conhecer procedimentos-padrão dos pesquisadores, suas regras, hábitos, enfim, a estrutura cultural mantenedora da atividade social de pesquisa científica e de que modo se desenvolvia historicamente essa atividade. Definiu-o como conjunto de referenciais teórico-práticos ou matriz disciplinar fundamentando a visão de mundo de uma comunidade (Kuhn, 2003). A popularização do termo acabou fazendo seu uso se estender para além da Ciência, a quaisquer formas-padrão de pensar e proceder que orientassem grupos mais ou menos homogêneos de pessoas.

Ou seja, o paradigma vai se configurando pela afinização de pessoas envolvidas com certo tipo de atividade que as afeta existencialmente. Ao mesmo tempo, sua permanência na atividade e no grupo reafirma condutas já adotadas, contribuindo para a formação de uma determinada

identidade coletiva. Infere-se, então, a natureza do paradigma: é formado tanto pelos *fundamentos epistemológicos da ação*, quanto pelos *comportamentos e convicções* de seus participantes, de modo *indissociável*. Trata-se de um quadro de referências, verdadeiro guia perceptivo. Uma vez formado, o paradigma é um *pré-requisito* para a percepção. Por isso, determinados aspectos da realidade permanecem fora de vista ou não problematizados para certos grupos, não cabem em seu paradigma. Para Khun, um paradigma governa antes de tudo, não um objeto de estudo, mas um grupo de praticantes da Ciência. E esta afirmação já mostra quão influenciada pela cultura e pela percepção é a estrutura paradigmática.

Quando as mesmas impressões da realidade passam a ter interpretações diferentes está em curso a formação de um novo paradigma (estrutura de interpretação). Isto pode ocorrer com teorias gerais consolidadas, a exemplo da teoria da relatividade substituindo a teoria de Newton, ou também com subespecialidades de um campo de estudos. O embate entre estas novas interpretações e seu resultado, aquilo que Khun denominou Revolução Científica, depende de diversos fatores sócio-psicológicos, além da própria competência explicativa desta nova interpretação.

Neste artigo, utilizaremos o termo *paradigma* em sentido amplo, considerando cada grande área do saber pertencente a distintos paradigmas.

II – A FORMAÇÃO DE NOVOS PARADIGMAS

Em termos históricos, os paradigmas foram sendo construídos lentamente, conforme se consolidavam certos objetivos, perspectivas de análise, modos de viver e entender a vida, traduzindo--se em holopenses específicos.

Muitas vezes um paradigma inicia-se sem sequer haver percepção do processo em curso, como na famosa anedota dos macacos:

Um grupo de cientistas encerrou cinco macacos numa jaula, em cujo centro puseram uma escada e, sobre ela, um cacho de bananas.

Quando um macaco subia a escada para apanhar as bananas, os cientistas lançavam um jato de água fria nos que estavam no chão. Depois de certo tempo, quando um macaco ia subir a escada, os outros enchiam-no de pancadas. Passado mais algum tempo, nenhum macaco subia mais a escada, apesar da tentação das bananas.

Então, os cientistas substituíram um dos cinco macacos. A primeira coisa que ele fez foi subir a escada, dela sendo rapidamente retirado pelos outros, que o surraram. Depois de algumas surras, o novo integrante do grupo não mais subia a escada.

Um segundo foi substituído, e o mesmo ocorreu, tendo o primeiro substituto participado, com entusiasmo, da surra ao novato. Um terceiro foi trocado, e repetiu-se o fato. Um quarto e, finalmente, o último dos veteranos foi substituído.

Os cientistas ficaram, então, com grupo de cinco macacos que, mesmo nunca tendo tomado um banho frio, continuavam batendo naquele que tentasse chegar às bananas. Se fosse possível perguntar a algum deles porque batiam em quem tentasse subir a escada, com certeza a resposta seria:

‘Não sei, as coisas sempre foram assim por aqui...’ (autor desconhecido)

Da analogia implícita na historieta depreende-se o caráter cultural da estruturação dos paradigmas. Os comportamentos nem sempre são previamente combinados, podem surgir espontaneamente a partir dos resultados de uma ação, na medida de sua eficácia. Vão se mantendo pela tradição e reforçando os pressupostos que os motivaram, configurando aos poucos uma conduta padrão e um entendimento específico de mundo.

Mas outras vezes, o processo pode ser intencional. Isto é, se deseja criar um modo específico de interpretar o mundo, valorizando determinados pressupostos, o que, por sua vez, leva a formas específicas de fazer as coisas. Assim ocorreu com o pensamento científico e também, especificamente, com a Conscienciologia.

O século XVII assistiu a várias iniciativas propostas para conferir maior rigor e confiabilidade aos trabalhos científicos. A Ciência, enquanto fenômeno social recente na história, estruturou-se aproximadamente como a conhecemos há cerca de 300 anos.

Atualmente, o paradigma dominante no pensamento científico, denominado mecanicista--cartesiano, encontra-se em revisão. Um paradigma entra em revisão quando as respostas que proporciona passam a não mais ser satisfatórias. Isto pode se dever à limitação de seu campo de visão, quando não consegue perceber a existência de certos temas a demandar estudo, ou ainda se não pode abranger determinados problemas da realidade com sua metodologia de análise. Enfim, o surgimento de anomalias numa dada área de estudo – quais fatos não explicáveis pela estrutura analítica vigente, ou o considerável aumento de exceções a regra para uma teoria ou lei científica – exige novo modelo de análise, cuja explicação torne a “anomalia” algo logicamente esperado em suas previsões.

O paradigma newtoniano-cartesiano é bastante eficaz para resolver problemas do tipo linear e para detalhar aspectos menores dentro de aspectos maiores da mesma questão. Por exemplo, para mapear a função de cada componente das células. A engenharia e a medicina atuais basearam-se nesta maneira de produzir e organizar o conhecimento e chegaram a grandes progressos tecnológicos e teóricos, seja referente ao microcosmo, qual a terapia gênica e os nanorrobôs, ou seja no tocante ao macrocosmo, como ocorre com as sondas espaciais.

O universo funciona tal qual máquina e pode ser entendido a partir do estudo individual de suas partes: eis a concepção base deste paradigma. Esta forma de estudar recebe o nome de reducionismo. Por reduzir os fenômenos à soma de seus elementos. Contudo, tal paradigma encontra muita dificuldade em explicar fenômenos complexos.

No campo da Ciência, algumas propostas surgidas para substituí-lo foram: o paradigma Holográfico; o paradigma Sistêmico; a Ciência Pós-Normal; o paradigma Consciencial, entre outros. Cada qual propondo ampliações relativas ao tamanho da realidade que percebem. No caso do paradigma consciencial, evidencia-se uma perspectiva de amplitude superior a estas demais propostas, denotada ao eleger a *consciência* por objeto de estudo, cuja existência independente da matéria é negada tradicionalmente no meio científico.

Entretanto, considerando o funcionamento dos paradigmas, revisões paradigmáticas exigem novas posturas, advindas de reorganizações no plano individual e cultural. São reestruturações perceptivas e holopensênicas. Numa palavra: requerem *recins*. Por isso, não ocorrem instantaneamente, a partir apenas de uma boa ideia.

Com frequência, devido à dificuldade de reciclagem coletiva é a dessoma dos principais representantes de um paradigma o fator a possibilitar a oxigenação da estrutura de interpretação do mundo em um grupo.

Para entender isso, é preciso lembrar-se do fato: toda forma de entender a vida e com ela se relacionar (tema deste artigo) tem consequências práticas. Afeta escolhas, prioridades, estilo pessoal, tipos de relacionamentos, leituras, amizades.

Há, portanto, efeitos bastante concretos do emprego de cada paradigma. É comum ser pequena ou insignificante a discussão sobre a temática epistemológica ou paradigmática a pretexto de seu caráter pretensamente teórico. No entanto, toda e qualquer manifestação consciencial enraíza-se em bases paradigmáticas.

Khun sustenta que cada revolução científica leve consecutivamente a um novo paradigma. Sem embargo, por estarmos considerando o termo paradigma em sentido ampliado, de modo a abarcar didaticamente as grandes áreas do conhecimento humano, cabe outra ponderação: embora não tenham surgido simultaneamente, os paradigmas *coexistem* na sociedade. Este fato leva os desavisados a utilizar indiscriminadamente pressupostos paradigmáticos diferentes, confundindo-os.

No caso da produção escrita, isto torna seus argumentos imprecisos, inconsistentes, incoerentes. Ademais, pode ocasionar verdadeiras gafes multidimensionais, ao modo do ruído ocorrido quando se utiliza um argumento amparando-o inadvertidamente em autores inscritos em epistemologias diferentes daquela defendida. Por vezes isso pode ocorrer em função da pessoa desejar escrever no paradigma consciencial, sem ter se dado conta, ainda, de sua forma pessoal de funcionar, atualmente embasada em outro paradigma.

Nossa estrutura pensênica se constrói ao longo de milhares de vidas, somando as experiências e conclusões delas tiradas. Portanto, a decisão de escrever no paradigma consciencial, um neoparadigma, exige esforços para construir uma nova configuração pensênica. Abordar as experiências pessoais de outro modo. O tipo de recin dependerá de qual a predominância pensênica (e sua respectiva matriz epistemológica ou paradigmática) em cada caso. Podemos sintetizar a ideia na tríade: identificar-avaliar-renovar.

Conhecendo o teor de cada paradigma torna-se mais objetiva a tarefa de traçar estratégias de renovação, quando desejada.

III – ESPÉCIES DE PARADIGMA

Há cinco grandes áreas paradigmáticas, aqui citadas em ordem de aparecimento histórico: o Mito, a Religião, a Arte, a Filosofia, a Ciência. Até mesmo a loucura já foi considerada paradigma também, por se tratar de uma maneira singular de considerar a realidade.

Um sexto paradigma a classificar aqui é o Senso Comum, resultado de percepções assistemáticas do dia a dia. É o recurso provavelmente mais utilizado pelas pessoas na busca de entender o que as rodeia, pois a curiosidade e a aprendizagem permanente fazem parte da natureza dos seres vivos, movimentando desde sempre as pessoas a explicar acontecimentos vividos.

A Conscienciologia estaria classificada dentro da Ciência. Entretanto, considerando suas características, torna-se evidente tratar-se de um novo (sétimo) paradigma. Inclui e transcende a Ciência, como poderá ser visto na comparação a seguir.

Cada uma destas áreas paradigmáticas tem estrutura própria, distinguindo-se claramente das demais, embora com algumas aproximações. Vejamos suas principais características num quadro comparativo:

Tabela 1: Indicadores para autoidentificação da predominância paradigmática pessoal.

Características	Senso comum ou popular	Mito	Religião	Arte	
Fundamento do conhecimento	Opinião. Crenças.	Magia. Autoridade mística.	Revelação.	Estética (beleza, harmonia...).	
Organização	Assistemática.	Assistemática.	Sistemática (monoteísta) ou assistemática (politeísta).	Sistemática.	
Objetivo	Entender o mundo de modo rápido, para tomada de decisões cotidianas.	Compreender os fenômenos da natureza, incluídos os parapsíquicos e as origens históricas do grupo.	Orientar a conduta dos fiéis. Salvar os fiéis do "inferno".	Expressar a percepção pessoal do artista. Emocionar. Provocar reflexões.	
Relação com a realidade	Verdade construída com base em impressões e votos de confiança.	Verdade absoluta.	Verdade absoluta.	Expressão e verdade individual.	
Estrutura	Utilitarista. Volátil e cambiante. Pode ser incoerente.	Antropomorfismo. Crença. Relação de troca. Ingenuidade.	Dogma. Inquestionabilidade. Fé.	Sensações. Impressões. Inspirações. Talentos e habilidades acima da média para a percepção e expressão estética.	
Perpetuação	Meios de comunicação. Interação social. Representações sociais.	Tradição oral.	Catequese. Doutrinação.	Exposições. Espetáculos. Publicações.	
Consequências	Baixo nível de crítica. Superficialidade. Imprecisão.	Estagnação do conhecimento. Dependência. Misticismo. Manipulação.	Estagnação do conhecimento. Dominação. Dependência. Manipulação. Lavagem cerebral. Sectarismo.	Imprecisão. Enaltecimento do ego. Problematização da realidade. Mobilização social.	

	Filosofia	Ciência	Conscienciologia
	Razão.	Razão (dedução e indução lógicas). Verificação através da repetibilidade. Princípios da: coerência, correspondência e refutabilidade.	Autodiscernimento (razão com prioridade de distinguir o cosmoético do não cosmoético). Verificação através da autexperimentação. Multidimensionalidade. Princípios da: coerência, correspondência e refutabilidade.
	Sistemática. Entender a realidade de modo crítico.	Sistemática.	Sistemática e Complexa.
	Organizar o conhecimento. Refletir sobre o caráter e estrutura do processo de viver. Propor eixos para uma vida digna, que mereça ser vivida.	Compreender a realidade de modo confiável e seguro. Precisão. Gerar benefícios para a sociedade, através das tecnologias e conhecimentos produzidos.	A consciência enquanto objeto de estudo e ferramenta de pesquisa simultaneamente. Ampliar a capacidade de percepção da realidade. Aceleração evolutiva pessoal, repercutindo coletivamente. Amadurecimento (autodiscernimento e autoconsciencialidade aplicados). Interassistência.
	Verdade relativa.	Verdade relativa.	Verdade relativa de ponta, obtida através da autexperimentação.
	Análise Lógica. Debate. Refutação com base em argumentos lógicos.	Método. Hipótese. Experimentação. Refutação com base em fatos que contradizem a hipótese.	Métodos experimentais e introspectivos, com testes de hipóteses. Autopesquisa e heteropesquisa mediadas pelo autoparapsiquismo, considerando a serialidade existencial, a natureza pensênica do Cosmos, a multiveicularidade e as múltiplas dimensões. Princípio da descrença (autoconvicção por meio da autexperimentação).
	Debate. Publicação.	Debate. Publicação. Universidades, laboratórios, centros de pesquisa e agências de fomento à pesquisa.	Debate. Publicações. ICs (instituições conscienciocêntricas), ECs (empresas conscienciológicas), <i>Campi</i> e <i>Cognópolis</i> . <i>Voluntariado</i> .
	Sistematização do conhecimento. Reestruturações sociais. Novas percepções.	Renovação constante do conhecimento. Ampliação do senso crítico. Novas tecnologias.	AM (autoconscientização multidimensional). Adcons. Maturidade. Resgates multimilenares e dissolução de interprisões. Desassédio. Reurbanização intra e extrafísica. Felicidade íntima. Conquista de novos patamares evolutivos (ex: desperticidade). Empresas conscienciocêntricas. Sociedade conscienciológica. Cosmoeticocracia.

Complementando as informações propostas nesta tabela, pode-se recorrer ao verbete *Conhecimento Conscienciológico*, de acordo com o qual este tipo de conhecimento pode ser confrontado com outras áreas sob o prisma da Experimentologia:

- “1. **Conhecimento conscienciológico**: real, pessoalmente, a partir do paradigma consciencial (Teaticologia); factual e parafactual, dependendo do autoparapsiquismo (Holobiografia; *Curso Intermissoivo pré-ressomático*); contingente individual; sistemático individual; verificável individualmente (*princípio da descrença*); falível, dependendo da pessoa, em si; aproximadamente exato, pois nenhuma consciência é perfeita ou completamente evoluída nesta dimensão humana ou intrafísica.
2. **Conhecimento científico** (paradigma convencional, Eletronótica): real; factual; contingente; sistemático; verificável; falível; aproximadamente exato.
3. **Conhecimento filosófico**: valorativo; racional (lógico); sistemático; não verificável (teórico); infalível; exato.
4. **Conhecimento popular** (artesanal; pragmático; tradicional): valorativo; reflexivo; assistemático; verificável; falível; inexato.
5. **Conhecimento teológico** (dogmático; canônico; clerical): valorativo; inspiracional; sistemático; não verificável; infalível (peremptório); exato.” (Vieira, 2009)

Ainda de acordo com o mesmo verbete, são algumas das características do conhecimento científico, quando analisado sob a ótica da Holomaturologia: aberto; acumulativo; analítico; claro; comunicável; constante; crítico; demonstrável; exato; experimental; explicativo; factual; falível; metódico; objetivo; preciso; preditivo; racional; sistemático; universal; útil; verificável.

No âmbito da Arte, da Filosofia e da Ciência existem tendências diferenciadas de pensamento e de técnicas, configurando subparadigmas internos. Incentivamos o leitor(a) a buscar conhecer tais tendências se quiser se aprofundar nos embates paradigmáticos de qualquer das grandes áreas.

Apesar da questão do autoconhecimento e do autaperfeiçoamento não representar novidade histórica, já tendo sido tratada tanto pela religião quanto pela Filosofia de diversas maneiras, a abordagem mais adequada para a autopesquisa é a perspectiva científica, ampliada pelo paradigma consciencial, por ser menos sujeita a erros.

Sabendo que a construção do conhecimento em cada paradigma orienta-se ao menos pelos fatores apresentados no quadro anterior e nas listagens anteriores, pode-se utilizá-lo com o fim de aut esclarecimento, mapeando as predisposições individuais. Questione-se, por exemplo: costume pensar e tomar decisões com base em qual dessas estruturas: o fundamento é geralmente emocionar? Influenciar? Refletir? Verificar? Amadurecer? Se para você, por hipótese, o fundamento for “refletir”, então pergunte-se: quais evidências práticas tenho disso no dia a dia? Quais fatos me mostram esta tendência de decidir ou ainda de agir *para fazer refletir*? Uso este fundamento de modo superior a 51% de meu tempo? Os resultados alcançados denotam reflexão (isto é, são coerentes com o fundamento em questão)?

Observar as próprias predisposições significa observar *indicadores* a respeito de sua trajetória multexistencial. Certamente as tendências hoje existentes espelham as experiências predominantes ou mais marcantes do passado.

Ao compreender as tendências pessoais em termos de visão de mundo amplia-se também o entendimento acerca das próprias escolhas e ações. Esse movimento permite a autatualização. Liberta porque abre espaço para a recin e para a recuperação de cons.

Seu texto certamente será perpassado por sua mundividência. Se você quer escrever conscienciológicamente o primeiro passo é, então, localizar-se quanto ao estado atual e multexistencial de sua pensenidade. A partir daí, planejar as recins necessárias para desenvolver uma pensenidade pesquisadora multidimensional.

Levando-se em conta o quadro dos paradigmas, sintonizar-se com o paradigma consciencial significa **conjuguar senso crítico, técnicas de pesquisa e desenvolvimento parapsíquico, aplicando--os de modo sistemático na verificação de hipóteses, com resultados pró-evolutivos.**

Historicamente, devido aos contextos, as oportunidades de aprendizado polarizaram-se de modo quase mutuamente excludente: ou se desenvolvia *mentalidade pesquisadora* ou *habilidades parapsíquicas*. Algumas vezes o cultivo do *autaperfeiçoamento moral* combinava-se com uma destas perspectivas, embora frequentemente fosse visto enquanto assunto filosófico ou ainda mais comumente ao modo de tema a ser cuidado pela religião. Até agora, as tentativas sociais de combinar as três abordagens numa perspectiva científica fracassaram (embora isso não signifique dizer inexistirem ganhos de maturidade para seus integrantes). Exemplos históricos disso são o Espiritismo, a Metapsíquica, a Antroposofia, a Logosofia, entre outras.

IV – O PARADIGMA DA CIÊNCIA MULTIDIMENSIONAL

De acordo com Vieira¹, o “*conceito de Conscienciologia é o constructo da Ciência aplicado aos estudos abrangentes da consciência, executados pelas próprias consciências por meio dos atributos conscienciais, veículos de manifestação e fenômenos conscienciais multidimensionais. (...) A Conscienciologia coloca sob **escrutínio científico** todas as características e possibilidades da consciência, incluindo essencialmente os atributos íntimos do ego, os veículos de manifestação e, por fim, as consequências existenciais, evolutivas e multidimensionais advindas daí.*” (grifos da autora)

Para isso, de acordo com o autor, devem predominar as faculdades mentais, notadamente o autodiscernimento quanto à Experimentologia.

Esta definição deixa claro o âmbito paradigmático da Conscienciologia, que se utiliza da postura científica, porém de modo sobremaneira mais abrangente ao reperspectivá-la sob o eixo da multidimensionalidade, merecendo por isso a denominação de *Paraciência*. Desta forma, pode-se distingui-la da Ciência comum, ao mesmo tempo em que se alude ao seu caráter, de modo diverso, científico também.

Aplicar a racionalidade ao estudo da realidade de um ponto de vista multidimensional é novidade planetária ainda. Este tem sido o desafio da Conscienciologia, proposto aos seus pesquisadores. A aparente simplicidade desta junção supera-se ao considerarmos:

1. **A experiência enquanto *alavanca do aprendizado***: se historicamente aprendemos a usar o parapsiquismo em contextos místicos, religiosos, esotéricos cabe agora superar este estilo de desenvolvimento, uso e interpretação dos fenômenos parapsíquicos, acrescentando-lhe motivação assistencial e de autossuperação, interpretação crítica e técnicas de verificação. Por outro lado, se também historicamente cultivamos a intelectualidade científica em bases materialistas, a tarefa, então, é utilizar o senso crítico e a tecnicidade levando em conta a natureza multidimensional da vida. Saber disso ajuda a evitar abordagens ingênuas, ao modo daquela que considera ser suficiente saber onde se quer chegar, como se a meta fosse atingida instantaneamente apenas por

¹ Verbete da *Enciclopédia da Conscienciologia: Conceito de Conscienciologia*.

estabelecê-la. Tendo em vista a influência da holomemória, existe um processo de *reconfiguração pensênica* a ser considerado para a consecução da pesquisa multidimensional.

2. **O alcance *evolutivo* dos objetivos do paradigma consciencial:** muito além da produção do conhecimento em si, espera-se produzir conhecimento útil para: melhoria pessoal; aprimoramento das relações tanto intra quanto extrafisicamente; libertação de si próprio e das amarras grupocármicas multexistencialmente construídas. Equivale a dizer: conhecimento constitui objetivo para a Conscienciologia apenas na medida em que se torna ferramenta para o real propósito: *evolução*.

3. **A necessidade de criar *metodologias* adequadas ao paradigma:** esta tarefa encontra-se em andamento. Diversas técnicas e experimentos tem sido propostos, testados e realizados. Entretanto, falta-nos enquanto coletividade de voluntários interessados na Conscienciologia, *incrementar* a massa crítica para ampliar a realização de experimentos de modo fundamentado, criticá-los e ao aprender com eles, promover renovações pessoais, coletivas e, conseqüentemente, do conhecimento conscienciológico. Isto posto, fica clara a relação: o surgimento de novas verpons *depende* do nível de recuperação de cons e recins. E ambas podem ser melhoradas a partir de ganhos na autoconscientização multidimensional e doses crescentes de criticidade cosmoética.

Até onde podemos compreender, aparentemente, a vivência do estado de cosmoconsciência permanente, dada sua magnitude, dispensaria a construção de metodologias de abordagem da realidade para entender a natureza e funcionamento da consciência. Diante dessa perspectiva, toda essa discussão sobre paradigmas seria vã. Entretanto, o próprio alcance desta condição já significaria ter havido superação das marcas dos paradigmas vivenciados até agora, citados neste artigo.

Dadas as dificuldades, nas atuais condições de amadurecimento da maior parte das conscins, para a apreensão mentalsomática direta do processo de evoluir, e, considerando a *abordagem* científica da Conscienciologia, interessa aprender a pensar cientificamente desde uma perspectiva não viciada, conscienciológica. Neste ponto da discussão importa esclarecer a distinção entre abordagem ou postura científica e paradigma científico convencional. Longe de anexar a Conscienciologia na listagem das ciências em geral, propõe-se apenas o aproveitamento do melhor existente na estrutura científica quando cabível para o desenvolvimento desta Paraciência. Nesse processo inclui-se (como explicitado anteriormente na tabela dos paradigmas) a experimentação, a crítica, o teste de hipóteses, a publicação, o debate. Difere, porém, em propósitos e em termos metodológicos, devido à natureza de seu objeto de pesquisa. O verbete *Conceito de Conscienciologia* classifica religião e ciência convencional qual subcursos evolutivos, protoconhecimentos, imaturos devido à ausência de pesquisas em parapercepções, enfatizando o estudo da Conscienciologia “como sendo o curso mais avançado da consciência, considerada com abordagem integral, onde se aplica o lado melhor de todos os conhecimentos positivos hauridos, anteriormente, nos cursos conscienciais da Religião, da Filosofia, da Ideologia e da Ciência Incompleta, através de todos os tempos ou períodos históricos da Humanidade.”

Em termos de recin, para construir em si uma postura científica na vivência do paradigma consciencial, podemos esboçar uma proposta genérica, abrangendo traços-chaves relativos a cada matriz paradigmática. Tal proposta é apresentada na tabela a seguir apenas a título de exercício, a fim de propiciar exemplo ao leitor ou leitora interessado em desenvolver sua própria análise. Assim, deve o leitor considerar sua predominância paradigmática (identificada pelo cotejo de suas ações e temperamento com as características pontuadas na tabela anterior) e partir da assunção de um dos perfis citados na presente tabela. Considerando-se, por exemplo, *filósofo* ou *artista*, consulte agora suas principais metas a conquistar, dadas as tendências a superar no contexto de *seu* perfil, para aprender a desenvolver postura de paracientista (pesquisador) conscienciológico.

Tabela 2: Mapeamento dos desafios perfilológicos quanto à conquista da pensividade pesquisística do paradigma consciencial.

Perfis paradigmáticos	Senso Comum	Artistas	Religiosos	Filósofos	Cientistas
Tendências a superar	Impulsividade e acriticidade. Generalizações sem fundamento. Falácias, onde o consequente não deriva necessariamente do antecedente.	Pesquisar a si e aos demais com abordagens emocionalistas, embasadas em apriorismos, sensações e impressões. Superar o deslumbramento em função de vivência ou relatos de fenômenos parapsíquicos.	Olhar para si e para os outros numa perspectiva salvacionista, rígida ou manipuladora. Suplantar a tendência restrita e linear de observação. Tratar o acriticismo e a dependência de opiniões externas, supostamente mais abalizadas que a própria. Não buscar ou pontificar receitas prontas e genéricas para todo e qualquer caso.	Satisfazer-se tão somente com o questionamento crítico e com a reflexão. Reflexões inconclusas, prolixas ou não prioritárias.	Restringir o campo de observação àquilo que os recursos intrafísicos já conseguem mensurar.
Indicador no texto	Frágil quanto à argumentação.	Texto sensacionalista e/ou parcial.	Estilo apoiado em verdades absolutas e profusão de expressões do tipo: todo, sempre, nunca, nada.	Prolixidade.	Texto reducionista e/ou materialista.
Metas principais	Pensar com lógica, criticidade, buscar fundamentos e correlações.	Evitar tomar a parte pelo todo e fazer generalizações apressadas. Analisar fatos e fenômenos prioritariamente pelo conteúdo.	Aprender a observar com flexibilidade e abrangência. Criar hipóteses para as vivências e traços pessoais e alheios. Testar essas hipóteses. Desenvolver a criticidade e autonomia a partir da reflexão das próprias experiências. Reeducar-se para renovar a percepção e interpretação dos fenômenos parapsíquicos, de maneira a não serem mais vistos qual patrocínio exclusivo de entidades superiores, ao modo de recompensa por certas ações ou admoestações.	Experimentos pessoais e grupais, aplicação assistencial da compreensão já obtida, a fim de ultrapassar a compreensão meramente teórica. Objetividade e a completude do raciocínio, selecionando abordagens e temas prioritários. Teática crescente; tenepes.	Ampliar a autoconfiança e simultaneamente a criticidade no emprego do autoparapsiquismo. Desistir da tentativa de encaixar a vida multidimensional no método cartesiano. Conviver com a imprecisão, enquanto constrói parâmetros confiáveis de auto e eterobservação. Conseguir dirigir o foco prioritário da pesquisa para si mesmo , antes de observar os demais.

De acordo com o verbete correspondente², a definição de conscienciólogo(a) indica o caráter prático da assunção do paradigma consciencial: “é a conscin empenhada no estudo permanente e na experimentação objetiva, dentro do campo de pesquisas da Conscienciologia, na qualidade de agente de renovações evolutivas (*agente retrocognitor*), no trabalho libertário (tares) das consciências, em geral, da ignorância quanto às verdades relativas de vanguarda (neoverpons).”

Ainda segundo caracterização do mesmo verbete, tanto a orientação teórica da Conscienciologia (evolução cosmoética), quanto a técnica (técnica das prioridades evolutivas pessoais) apontam para a prática concreta pretendida com esta *paraciência*: a interação inafastável evolução consciencial–interassistencialidade.

Nesse sentido, distingue-se claramente do alcance meramente científico:

“O intelectual, neste início do Século XXI, ao viver existência intrafísica *puramente acadêmica*, estará sempre em subnível perante os próprios desempenhos evolutivos, em função do paradigma newtoniano-cartesiano em decadência ante as verdades relativas de ponta da Extrafisiologia. (...) A mentalsomática desperta o cientista (pesquisador ou conscienciólogo) para não se deixar sucumbir pela *alienação*, significando aqui a separação dos produtos do próprio trabalho, como valioso bem para a Socin e para todos.”

Se ficar claro que a vivência de um neoparadigma implica a construção de experiências pensênicas novas e libertar-se de antigas tendências, será simples compreender porque dizemos que nenhum texto nasce pronto. Resulta de inúmeras revisões. As primeiras referem-se justamente à própria *forma de pensar* do autor ou autora naquele momento evolutivo. Conforme nos esforçamos para ajustar nossa interpretação das coisas, vamos desencadeando processos de recin, refletindo-se estes por sua vez na expressão pessoal, inclusive quando se trata de texto. Afinal, a construção da maturidade é *processual*: permanente, continuada e se desenvolve na experiência coletiva de partilha e aprendizado. Assim, a elaboração do texto, considerando suas múltiplas versões e revisões, pode auxiliar o autor no balanço de suas próprias conquistas evolutivas.

V – CONCLUSÕES

Sendo objetivos da Conscienciologia, enquanto paradigma específico, ampliar a capacidade de percepção da realidade (e dada sua natureza, significa dizer investir na autoconscientização multidimensional), facilitar e instrumentalizar a aceleração evolutiva pessoal rumo ao amadurecimento (autodiscernimento e autoconsciencialidade), através de recins e interassistência, é de se esperar que a escrita conscienciológica funcione ao modo de ferramenta de autopesquisa, levando ao auto e heterodesassédio; a reconciliações e, quando cabível, dissidências, com conscins e consciexes. Promove ainda a recuperação de cons, o desenvolvimento mentalsomático e oportuniza o esclarecimento. Vale lembrar que escrever é estratégia de autorrevezamento multexistencial e contribui para, a seu turno, a recuperação de cons e reciclagem de conscins ligadas ao mesmo projeto grupal de proéxis, desempenhando melhor suas funções.

Escrever no paradigma consciencial é vivenciá-lo. Portanto, fique atento(a) ao escrever. Campos multidimensionais formam-se conforme ideias, pessoas e situações são evocadas. Participam destes campos holopensênicos outras consciências. De modo que ocorre aí oportunidade de interagir lucidamente com amigos e desafetos do passado, aprender a decodificar parapercepções

2 Conscienciólogo.

que compõem a sinalética energética pessoal, e por vezes acessar determinadas informações retrocognitivas e/ou intermissivas. O posicionamento que o autorando(a) vai assumindo à medida que escreve esclarece a si próprio e atualiza as consciexas.

Trata-se, então, de aprender a lidar com outras variáveis além do pensamento, das palavras, papéis e computadores. EV, desassim, projeções, inspirações amparadas, intrusões pensênicas doentias, recuperação de cons intermissivos, acesso a formas holopensênicas distintas, sinalética e fenômenos parapsíquicos em geral assumem caráter nitidamente concreto para o autopesquisador(a). O processo de estar escrevendo amplia o nível de atenção, facilitando a análise de fatos e parafatos. Nota-se, com isso, a peculiaridade da escrita conscienciológica. Além de ser instrumento de registro da pesquisa, a escrita pode simultaneamente ser pesquisada, enriquecendo a compreensão do tema em estudo e de você mesmo(a).

Por fim, não poderia faltar uma observação quanto à escrita em termos da natureza paradigmática. Todo paradigma possui vocabulário próprio e modos de fazer específicos (técnicas) quanto à construção do conhecimento. Igualmente ocorre na Conscienciologia. Palavras novas buscam conferir clareza e precisão conceitual. As técnicas são criadas no intuito de aproximar-nos dos objetivos desta Paraciência. Nesse sentido, familiarizar-se com os neologismos auxilia a criar espaço mental para novas interpretações.

Contudo, cabe uma ressalva: um paradigma não é igual a uma roupa a se vestir. É impraticável simplesmente copiar sua *forma* na expectativa do *conteúdo* vir à reboque *instantaneamente*. Porque conteúdo aqui significa também experiência e maturidade. Assim, recorrer, por exemplo, à imitação do estilo da Enciclopédia da Conscienciologia sem compreender seus *fundamentos e pressupostos multidimensionais*, nem os *processos e repercussões* desencadeados pelo exercício prático da aplicação de suas técnicas, não levará ao desenvolvimento de um texto paradigmaticamente conscienciológico. Escolher neologismos e colocar palavras-chaves em negrito no início de cada parágrafo é procedimento insuficiente para transformar uma redação em artigo científico. Palavras são importantes enquanto exercício de reorganização sináptica, mas para promover mudanças conceituais profundas, pensênicas, é preciso ainda dedicação continuada ao processo de se renovar, nos mais diversos e banais momentos da vida cotidiana.

Aprender e aplicar de fato (ao invés de meramente imitar inconsequentemente) as técnicas de escrita da Enciclopédia da Conscienciologia contribui, sim, para o desenvolvimento de novas formas de pensar e de fazer. Há pelo menos 100 técnicas de escrita conscienciológica descritas no *Homo sapiens reurbanisatus* (Vieira, 2003), elaboradas com o fim de auxiliar a ampliar habilidades necessárias ao autopesquisador conscienciólogo, qual detalhismo, exaustividade, análise-síntese, neologística, entre outras. Cada uma delas proporciona experiências com certos traços.

Um traço especialmente relevante para o desenvolvimento do paradigma consciencial em si próprio é a *criticidade cosmoética*. De acordo com artigo de Zaslavsky (2006), há, por hipótese, uma escala na sequência evolutiva: acriticismo, hipercriticismo e criticismo cosmoético. O artigo aponta para o valor prático do criticismo cosmoético permanente, princípio auto-reeducador, ao constituir desafio à comunicabilidade, à convivialidade, ao autodomínio energético e emocional, além de exigir constante exercício da racionalidade e flexibilidade pessoal. Sendo assim, implica reciclagens constantes, existenciais e intraconscienciais. Deste modo, cultivar a criticidade é um modo de superar a mentalidade artística, religiosa, mitológica e de senso comum de uma só vez. Por outro lado, complementarmente, estimular a cosmoética e a completude desta criticidade faz avançar para a superação do emprego paradigmático da Filosofia

e da Ciência, quando convencional. Para o autor, a completude do criticismo está diretamente relacionada à auto coerência e à antiincorruptibilidade, abrangendo tanto a capacidade de heterocriticar quanto a de autocriticar-se.

Aproveite os recursos técnicos da Conscienciologia lucidamente, empregando-os e simultaneamente observando as repercussões multidimensionais causadas em você, e analise a expressão de seu modus operandi no texto. Elas serão reveladoras das recins necessárias. No processo de perceber-se escrevendo e aplicando técnicas seu estilo estará sendo construído. Amplie sua lucidez para a experiência de pensar-sentir-agir multidimensionalmente, refletindo sobre ela e você aprenderá a escrever no paradigma consciencial.

Bibliografia:

1. **Kuhn**, Thomas. *Estrutura das Revoluções Científicas (The Structure of Scientific Revolutions)*; trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira; 262 p.; 7ª. Ed.; *Perspectiva*; São Paulo; 2003. Data de publicação original: 1969.
2. **Vieira**, Waldo. *700 Experimentos da Conscienciologia*; 1.058 p.; 700 caps.; 147 abrevs.; 600 enus.; 8 índices; 2 tabs.; 300 testes; glos. 280 termos; 5.116 refs.; alf.; geo.; ono.; 28,5 x 21,5 x 7 cm; enc.; *Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC)*; Rio de Janeiro; RJ; 1994.
3. **Idem**; *Enciclopédia da Conscienciologia*; Foz do Iguaçu; Verbetes: **Conceito de Conscienciologia** (Experimentologia); **Conhecimento Conscienciológico** (Autocogniciologia); **Conscienciólogo** (Consciencimetrologia); **Conscienciologia Profunda** (Intraconscienciologia); **Consciência Conscienciológica** (Autodiscernimentologia); **Corpus da Conscienciologia** (Experimentologia). Disponível em: http://www.tertuliaconscienciologia.org/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=30&&Itemid=13, acesso em 14/11/09, às 13h01.
4. **Idem**; *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano*; 1.248 p.; 525 caps.; 150 abrevs.; 43 ilus.; 5 índices; 1 sinopse; glos. 300 termos; 2.041 refs.; alf.; geo.; ono.; 28 x 21 x 7 cm; enc.; 5ª Ed.; *Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC)*; Rio de Janeiro, RJ; 2002.
5. **Idem**; *Homo sapiens reurbanisatus*; 1.584 p.; 479 caps.; 139 abrevs.; 40 ilus.; 7 índices; 102 sinopses; glos. 241 termos; 7.655 refs.; alf.; geo.; ono.; 29 x 21 x 7 cm; enc.; 3ª Ed. Gratuita; *Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC)*; Foz do Iguaçu; PR; 2004.
6. **Volpato**, Gilson. *Ciência: da Filosofia à Publicação*; Editora Tipomic; Botucatu, SP; 2004.
7. **Tomanik**, Eduardo Augusto. *O Olhar no Espelho*; EDUEM; Maringá; 2004.
8. **Zaslavsky**, Alexandre. *Existential Inversion and Cosmoethical Criticism*; *Journal of Conscientiology*; Vol. 9; N. 34; October; 2006; páginas 237 a 249.

Luciana Ribeiro é Bióloga pela Unesp, mestre e doutora em Educação pela PUC-Rio, especialista em Meio Ambiente pelo ISER, especialista em Saúde e Meio Ambiente pela Fiocruz. Professora universitária e tutora de programas de pós-graduação e educação corporativa a distância da FGV e PUC. Possui publicações no Brasil e no Exterior. Autora do livro *Boa Noite, Universo!* Pesquisadora da Conscienciologia desde 1997. Voluntária da Uniescon.

E-mail: lucmribeiro@yahoo.com.br